

# GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



## ARTIGO

### **POR UMA PEDAGOGIA COSMOCENA PARA OS POVOS DE TERREIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL/BRASIL**

*For a cosmocenic pedagogy for land people in the state of Rio Grande do Sul / Brazil*

*Por una pedagogía cosmocénica para la gente de la tierra en el estado de Rio Grande do Sul / Brasil*

#### **Eliane Almeida de Souza**

Pós-Doutoranda em Educação Ambiental na FURG/  
PPGEA - Doutora em Educação/PPGEDU/UFRGS.  
E-mail: negrasim2004@yahoo.com.br

#### **Roseli da Rosa Pereira**

Mestre em Educação PPGEDU/UFRGS, Grupo de  
Pesquisa Inovação & Avaliação.  
E-mail: roseli.pereira@ufrgs.br.

#### **Izabel Espíndola Barbosa**

Mestranda em Educação na FURG/PPGEDU  
E-mail: izabel-eb@hotmail.com

#### **Vilmar Alves Ferreira**

Doutorando da PPGEDU – UFRGS  
E-mail: vilmar@ufrgs.br

Como citar este artigo:

SOUZA, Eliane Almeida de. *et al.* Por uma pedagogia cosmocena para os povos de terreiros no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. vol. 3, n. 1, p. 137-152, 2020. ISSN 25959026.

Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 3, número 1 (2020)  
ISSN 25959026

## POR UMA PEDAGOGIA COSMOCENA PARA OS POVOS DE TERREIROS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL/BRASIL

*For a cosmocenian pedagogy for land people in the state of Rio Grande do Sul/Brazil*

*Por una pedagogía cosmocénica para la gente de la tierra en el estado de Rio Grande do Sul/Brasil*

### Resumo

Este artigo pertence à Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e aos Povos de Terreiros da Religiosidade de Matriz africana do Estado do Rio Grande do Sul, como resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado no campo da Educação Ambiental amparada no conceito de Ecologia Cosmocena do autor Pereira (2016), conhecido no Brasil e no exterior como uma possibilidade ontológica de reflexões sobre a posição que nós humanos ocupamos no cosmos. Nela abarca entre outras dimensões a espiritualidade como dimensão do mundo da vida. Finalmente a pesquisa apresenta resultados de uma práxis da Ecologia Cosmocena num Ilê em Porto Alegre, um dos indicativos desta pesquisa qualitativa participante é sugerir uma Pedagogia Cosmocena para os Povos de Terreiros, construída a partir dos pressupostos encontrados nos espaços sagrados da religiosidade de matriz africana.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Cosmovisão Africana. Ecologia Cosmocena.

### Abstract

This article belongs to the Federal University of Rio Grande (FURG) and to the People of Religious Grounds (Terreiros) of the Afro-Brazilian community of the State of Rio Grande do Sul, as a result of a postdoctoral research in the field of Environmental Education based on the concept of Cosmocene Ecology of the author Pereira (2016), known in Brazil and abroad as the ontological possibility of reflections on the position that we humans occupy in the cosmos. Those are constructed from the assumptions found in the sacred spaces of the African matrix religiosity in five languages, based on a journey we took by the corners of Rio Grande, Pelotas and Porto Alegre in the State of Rio Grande do Sul.

**Keywords:** Environmental Education. Cosmocene Ecology. African Worldview.

### Resumen

Este trabajo académico pertenece a la Universidad Federal de Rio Grande (FURG) y a los Pueblos de religiosidad africana ubicados en el del Estado de Rio Grande del Sur, como resultado de una investigación postdoctoral en el campo de la Educación Ambiental apoyada por el concepto de Ecología Cosmocene del autor Pereira (2016), conocido en Brasil y en el extranjero como una posibilidad ontológica de reflexiones sobre la posición que los humanos ocupamos en el cosmos. Reúne, entre otras dimensiones, la espiritualidad como dimensión del mundo y de la vida. Finalmente, la investigación presenta los resultados de una práctica de la Ecología del Cosmoceno en un centro religioso africano en Porto Alegre, uno de los indicativos de esta investigación cualitativa y participativa es sugerir una Pedagogía Cosmocénica para los pueblos de los centros religiosos africanos, construida a partir de las informaciones encontradas en los sitios sagrados de los pueblos de religiosidad africana.

**Palabras Claves:** Educación Ambiental. Cosmovisión Africana. Ecología Cosmocena. Religiosidad Africana.

### Introdução

Nossa História tem registros contundentes dos nefastos quatro séculos de tráfico negreiro onde cerca de 3,5 milhões de africanos aportaram em solo brasileiro em condições de escravizados nos séculos XVI e XIX, correspondendo a 37% do total do continente americano, que durante essa travessia, trouxeram consigo além das culturas as suas religiosidades, em especial, o candomblé. A partir daí, a origem da religiosidade de matriz africana têm raízes em diferentes movimentos históricos precedida de práticas ritualísticas específicas correspondentes às inúmeras versões mitológicas derivadas das mais variadas regiões da África e que no Brasil, passaram a adotar nomes específicos de acordo com suas linhagens. A primeira trata dos negros de origem banto vindos do Sul e do Oeste de países africanos tais como: Angola, Moçambique, República do Congo, trazendo consigo, costumes e diferentes tipos de cerimônias que até hoje são realizadas especialmente, no Rio de Janeiro (como o candomblé banto e a umbanda), comprovados a partir de elementos folclóricos bantos presentes nas festas de bumba-meu-boi; nos jogos de capoeira; no samba; danças; rezas, enfim. A segunda linhagem trata das religiões dos negros iorubás e daomeanos (jejes), originários do leste africano - em especial da Nigéria-, com influência predominante no nordeste brasileiro como o caso dos candomblés baianos que abrangem o candomblé de ketu e o candomblé jeje. Porém, é necessário informar que algumas linhagens fazem junção com outras, sem problema algum, como esta pesquisa que foi realizada por uma Ialorixá de matriz africana da linhagem de Nação jeje-ijexá, ou seja, da junção de duas raízes africanas participante do terreiro “Sociedade Africana São Jerônimo e Santa Bárbara”, que no sincretismo religioso, refere-se a Xangô e Oxum. Portanto, as linhagens dos cinco entrevistados na pesquisa integram as seguintes nações: Nação Oyó, Nação Cambinda, Nação Queto, Nação Jeji-Ijexá, Nação Jeji-Nagô. Estas informações nos levam a entender sobre o processo da distribuição regionalizada das raízes religiosas que se firmaram no Brasil, e de onde parte a pesquisa de Pós Doutorado desenvolvida junto aos terreiros da religiosidade de matriz africana no Estado do Rio Grande do Sul.

A principal categoria da pesquisa foi **luta do reconhecimento pelo respeito e o sentido que a religiosidade tem na vida das pessoas**. Organizamos a apresentação deste artigo em três etapas. A primeira refere-se à apresentação da pesquisa lincada com os conceitos da Ecologia Cosmocena e a Cosmovisão Africana que coaduna com a

contextualização da religiosidade, esclarecendo dentro do sincretismo religioso, diferenças entre o batuque, a umbanda e o candomblé; A segunda etapa apresenta oito os pressupostos da Ecologia Cosmocena a partir do autor como um caminho necessário para que possamos entender os diálogos com os religiosos nos cinco terreiros do Estado do Rio Grande do Sul, sendo um em Pelotas, dois em Rio Grande e dois em Porto Alegre; e a última etapa trata da fecundidade dos diálogos cosmocenos com a Cosmovisão Africana e os pressupostos de uma Pedagogia Cosmocena para os povos de terreiros, e também dos achados da pesquisa.

### **Do Horizonte Cosmoceno às primeiras aproximações com o Sincretismo Religioso**

O campo da pesquisa vibrou na energia pura dos arquétipos, pois eles são as principais “chaves” que nos possibilitam adentrar a partir de um canal energético as questões espirituais, como por exemplo, o orixá *Bará*<sup>1</sup> que na religiosidade de matriz africana é o mensageiro de *Oxalá*. Ou seja, ele é aquele que abre os caminhos e leva a informação com maior rapidez ao seu destino, trazendo em mãos uma chave. Após ter realizado estudo de doutoramento sobre o Universo das Ações Afirmativas na UFRGS e ser pertencente à religiosidade de matriz africana como uma Ialorixá da linha de Jeje Ijexa, há tempos que venho sentindo a necessidade de continuar esses diálogos entre espiritualidade e ciência. Ação esta que iniciou com a chegada de um texto do campo dos Fundamentos da Educação Ambiental denominado Ecologia Cosmocena que conforme o autor Pereira (2016, p. 45), é entendido como:

Uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido de podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas conseqüentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e conseqüentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos.

A partir do autor do conceito supracitado, apresentamos os oito pressupostos da Ecologia Cosmocena a partir do que propõe Pereira (2016) na obra:

---

<sup>1</sup>Bará, Ogum, Iansã, Xangô, e outros são orixás de origem africana presentes nos cultos de religiosidade africana no Brasil. Algumas linhagens trabalham com o número de 12, outras 16 e outras conforme as determinações dos jogos de búzios.

a) relação Natureza–Humanidade reivindicando uma postura de maior reconhecimento das outridades que integram a natureza desde já, e que por decorrência também são sujeito; b) Da desaceleração do tempo como garantia de vida emergem profundas e densas reflexões sobre a concepção de tempo e sobre como estamos compreendendo o tempo no horizonte pós-metafísico; c) Da sintonia com novas sabedorias: chama-se atenção para tantas sabedorias que sempre estiveram aí, mas que em geral não estabelecemos sintonias profundas com elas; d) Do cuidado como reaprendizagem x consumo desenfreado: partindo da constatação de que somos uma sociedade que se cuida pouco, o estudo aponta desde a gênese cuidada como condição ontológica do ser humano; e) Da descolonização do mundo da vida: parte do conceito de Habermas de colonização do mundo da vida e baseado em estudos de Bauman sobre o impacto que as redes sociais têm sobre a geração de consumidores, em especial que na obra *Vida Para Consumo*; f) Por um mundo diverso e sem preconceitos: baseado na compreensão que o universo sempre foi biodiverso, plural e múltiplo o estudo denuncia todas as formas de preconceito reconhecendo que todas encolhem a expressão da vida em múltiplos contextos; g) Da condição de incompletude: o estudo parte da compreensão da nossa vocação ontológica que leitura freiriana aponta para essa condição de ser mais. h) do lugar da Educação Ambiental na Ecologia Cosmocena: considera que a EA aparece como um ponto pequeno nesse universo, mas que assume um papel preponderante no sentido de nos ressituar sobre os caminhos que traçamos.

Nesta pesquisa, nos referirmos ao termo de Cosmovisão Africana sempre a partir de Barcellos (2002, p.111),

A mãe natureza, aquela que engloba todos os fenômenos que conhecemos e aqueles que não conhecemos, legou-nos a todos a capacidade de pensar e criar. Deu-nos a possibilidade de conhecermos e entendermos nossos protetores, as divindades que amamos e, que cultuamos, deu-nos a chance de pesquisar sobre elas, de estudá-las. Permitiu-nos questionar. Não questionar sua existência ou influências, pois disso estou convicto e acredito que muitos os estão, mas questionar a origem, confrontar com outras culturas, para obter-se uma conclusão lógica e atravessar esse século, aliando lógica e mitologia; conservando dogmas e partindo para o pragmatismo; associando comportamento e ideal, em favor do semelhante, independente de recompensa, prêmio ou qualquer outro estímulo de ordem material. Permitiu-nos adotar aquilo que os velhos de santo chamam de “aproximar-se do Orixá”, “ganhar luz”, “purificar o corpo para servir a natureza”.

Barcellos (2002) soma na fusão da Cosmovisão Africana com a Ecologia Cosmocena, onde as duas num mergulho ontológico fecundam o que há de mais intenso no campo da religiosidade de matriz africana.

### A Religiosidade de Matriz Africana no Brasil e os aspectos do Sincretismo Religioso

Mas afinal, o que significa o candomblé?

A palavra *candomblé* é, na verdade, o nome de uma dança africana utilizada para a invocação de orixás. Durante a época em que o Brasil era colonizado, muitos escravos foram trazidos da África, e com eles veio toda a sua cultura, inclusive sua religiosidade. A crença dos escravos, com o passar do tempo, tornou-se o Candomblé, uma das mais populares religiões brasileiras. No início, o Candomblé era visto como feitiçaria e culto pagão, por envolver danças, cantos e sobrenaturalidade. Por isso, foi proibido durante muito tempo. A forma que encontraram de fazer a religião perdurar foi o sincretismo<sup>2</sup>.

Esta informação nos auxilia a entender parte do processo da distribuição regionalizada da raiz religiosa de matriz africana presentes no Brasil iniciada no candomblé e se espalhou para outros países. E no Sul do Brasil, sempre que o assunto se refere à religiosidade africana, inúmeras dúvidas brotam principalmente no que se refere ao processo de iniciação ritualística.

Assim, breves esclarecimentos referentes ao batuque, a umbanda e ao candomblé nos são necessários: O **Batuque** ou a Nação é uma religiosidade afro-brasileira de culto aos orixás encontrados principalmente no Rio Grande do Sul-Brasil, no Uruguai e na Argentina. É fruto de religiões dos povos da Costa da Guiné e da Nigéria e de outros como vimos no início deste artigo que seguem de acordo com suas linhagens; A **Umbanda** foi a única religião criada no Brasil no ano de 1917 em Niterói, no Rio de Janeiro. Ela reúne em sua filosofia alguns conhecimentos que cruzam com o Catolicismo, o Kardecismo, o Budismo, o Islamismo e até com do Candomblé. Nele são cultuados os pretos velhos, caboclos, o povo da rua, crianças e outros que se apresentam de acordo com o funcionamento da casa e; O **Candomblé** é uma religião onde se cultuam os orixás, ou seja, ancestrais divinos. É uma das religiões afro-brasileiras praticadas principalmente no Brasil, trazida pelos escravos africanos no século XVI, pelo chamado povo do santo, mas também em outros países. Candomblé é uma palavra de origem iorubá (região na costa africana próxima a linha do Equador). Vejamos aqui um exemplo:

---

<sup>2</sup> Este modelo de sincretismo, assim como o cultural, nasce a partir do contato direto ou indireto entre pessoas com crenças distintas. Ogum, orixá das religiões Umbanda e Candomblé é considerado o equivalente a São Jorge da Igreja Católica. O sincretismo religioso aconteceu diversas vezes ao longo da história.

**Figura 01 - Sincretismo Religioso no Brasil:**



Fonte: Internet: Blog da Cultura Afro Artes Visuais<sup>3</sup>

### **A escuta nos cinco Terreiros Religiosos de Matriz Africana no Rio Grande do Sul**

O contexto e os lugares de origens dos cinco terreiros acompanhados de suas raízes, números de filhos, simpatizantes e outras questões que dialogam com o exercício do conceito deste trabalho a as cidades eleitas para a realização das entrevistas sendo um em Pelotas, dois em Rio Grande e dois em Porto Alegre onde justificamos Rio Grande por ser a referência de chegada dos africanos em terras brasileiras; Pelotas por concentrar a maior parcela de quilombos (resistência negra) e; Porto Alegre por ser a Capital dos Pampas cercado por morros cheios de terreiro da religiosidade africana.

Todos afirmaram ser os espaços de terreiros os lugares que acolhem todas as diversidades sejam elas de gênero, etnia ou geracional. A pesquisa foi realizada nos terreiros na qual os religiosos foram identificados a partir de seu principal orixá, sendo eles: (Xapanã) Pai Márcio de Xapanã<sup>4</sup>; (Agodô) Mãe Cenira de Xangô Agodô<sup>5</sup>; (Alafim) Mãe Adriana de Xangô

<sup>3</sup> O orixá Obaluaiyê (acima) é frequentemente sincretizado com São Lázaro nos candomblés ketu e angola e ambos são associados ao vodum sapatá no candomblé jeje e no tambor-de-mina. No batuque Sul brasileiro é mais conhecido por Xapanã. Na região norte e nordeste do Brasil conhecido como Omolu.

<sup>4</sup> Obaluaiyê, Obaluwaye, Omolu ou Xapanã é o orixá da varíola e das doenças contagiosas. Responsável pela terra é ligado simbolicamente ao mundo dos mortos. Senhor das doenças, especialmente as epidêmicas como a varíola;

<sup>5</sup> Agodô/Agogo: também conhecido como Agogo ou Ogodo, é um falangeiro de forma idosa, visto como radical e bruto. Nessa forma ele tem a tradição de dar ordens e detesta ser desobedecido Agodô é o que determina a hora dos raios e trovões.

Alafim<sup>6</sup>, (Iansã) Mãe Flávia de Iansã<sup>7</sup> e (Oxum) Mãe Sandrali de Oxum<sup>8</sup>. De acordo com o questionário com nove perguntas aplicado no campo, a primeira questão versou através de um diálogo apresentando o conceito de Ecologia Cosmocena e informando aos entrevistados que para o autor, o ser humano é visto de maneira integral aliando razão e sentimento; corpo e espírito; ser e vir a ser e outras condições (...) ramificadas em diversos saberes sem hierarquia. As respostas de todos versaram sobre a necessidade do resgate da bacia religiosa onde afirmaram que todos nós somos integrantes do ambiente como um todo, e chamaram a atenção sobre os cuidados de fazer os axés em folhas de bananeira, coqueiros, mamoneiros e outras, contribuindo na preservação da natureza e no bem estar das pessoas, que vão desde os preparativos da iniciação de um filho de acordo com o tempo, a ética e respeito, até que este siga os passos de quem o iniciou, abrindo a sua casa religiosa.

Ainda sobre a primeira pergunta, Oxum: *“Pois nós primeiro percebemos, sentimos e, depois criamos em relação ao que sentimos, pois só quem sente, sabe (Oxum)”*. Por isso, o religioso considera a evolução do humano dentro de cada um, e também as encarnações existentes na religiosidade africana. Suas respostas confirmaram que o tempo é o orixá que vem em forma de reverência à sua ancestralidade. Sobre isso, Oxum:

Nós cultuamos os nossos ancestrais e para nós o mundo espaço/tempo é dos vivos, dos não vivos e dos que virão. As crianças até os sete anos – como disse minha mãe, estão dos dois lados, o dos vivos e o dos não vivos na concepção existencial do corpo/matéria. Infelizmente a academia tem banaliza isso, ou confundem ancestralidade com antepassados, e não é a mesma coisa. Pois isso é mais amplo que a reencarnação, pois teus ancestrais neste momento são os meus ancestrais também (Oxum).

Sob a luz de Oxum os demais trouxeram a força de seus orixás ancorados nos antepassados divinizados, cuja evolução se dá do indivíduo que chega e se inicia junto ao seu orixá, aonde seu aprendizado vai da cozinha ao salão.

A terceira pergunta referiu-se sobre a sociedade e a academia que reconhecem timidamente os saberes tradicionais que adentram esses espaços e, frente às resistências

---

<sup>6</sup>Xangô Alafim, é o falangeiro mais conhecido entre todos os outros. Ele é um falangeiro na forma bem jovem, um grande guerreiro, dedicado a vencer todas as mazelas e pejejas que por ventura passem pelo seu caminho.

<sup>7</sup>Iansã ou Oyá, a deusa do Rio Níger, é representada com um alfanje e um eruexim nas mãos, e com um chifre de búfalo na cintura. Na mitologia iorubá, Xangô casou-se com três de suas irmãs, deusas de rios.

<sup>8</sup>Oxum é um orixá, é a rainha da água doce, dona dos rios e cachoeiras, cultuada no candomblé e também na umbanda, religiões de origem africana. Oxum a segunda esposa de Xangô e representa a sabedoria e o poder feminino.

históricas quais as estratégias que eles acreditam serem importantes para que a universidade possa reconhecer/legitimar seus saberes?

Todos responderam que entendem a academia como uma instituição fechada para essas outridades perdendo muito com o não reconhecimento dos saberes tradicionais, que ao longo dos séculos, a religião e a ciência caminharam juntas e se perderam: “A nossa ciência pode não ter grandes nomes, autores, mas temos grandes resultados, e a universidade que não entende isso, é um a universidade que produz com pobreza, porque perde a riqueza do que está além de seus muros” (Alafim).

Todos são conscientes que a presença do povo de matriz africana nas universidades abre portas para que possam expressar seus conhecimentos:

Somos os primeiros ambientalistas de verdade, e sem ervas não se faz nada! O africanista movimenta e sustenta toda uma economia têxtil, a da agropecuária e principalmente o setor da alimentação, porque temos uma alimentação tradicional, equilibrada e saudável (Xapanã).

Xangô Agodô chamou a atenção da academia, que deveria se constituir como parceira na divulgação e no respeito deste povo. E se ela quisesse poderia também auxiliar na desconstituindo dos mitos e dos tabus sobre a matriz africana. A quarta pergunta trouxe as preocupações com o universo, na qual a Ecologia Cosmocena chama a atenção sobre a forma selvagem que o consumismo vem invadindo a vida das pessoas causando danos irreparáveis e frente à tamanha violência, na convivência cotidiana no terreiro, como o responsável tem administrado o egoísmo e o consumismo entre os filhos e a família religiosa. Uma questão eles foram unânimes em afirmar que não são os religiosos de matriz africana que estão destruindo a natureza:

O orixá Otim protege as águas potáveis e em pouquíssimas casas ele se manifesta e por dentro do terreiro, vejam como estão nossas águas, por isso, é de outro lugar que a gente fala” (Oxum). Ex. a suposta intelectualidade tem muito que se explicar para nós, pois a natureza está sendo agredida, portanto, nós estamos sendo agredidos enquanto orixá e, tem um ditado que diz: “Kosí ewé kosí òrìsà”, que significa, “sem folha não há orixá”. Nossa preocupação enquanto tradição, é que se não tiver água potável, como das nascentes do Rio dos Sinos<sup>9</sup> e outras, será difícil o nosso viver. A

<sup>9</sup> O rio dos Sinos é um rio brasileiro do Estado do Rio Grande do Sul. - Nasce nos morros do município de Carará no litoral norte gaúcho (distante 130 quilômetros de Porto Alegre) em altitudes superiores a 800 metros e percorre um percurso de cerca de 190 km, desembocando no delta do Jacuí, no município de Canoas, numa altitude de apenas 5 metros.

gente vê onde está o egoísmo quando eu corto uma árvore. E porque eu não posso desviar dela? Porque ao fazerem uma avenida não conseguiram desviarem do terreiro da Mãe Maria de Oxum?<sup>10</sup> (“suspiros e emoções). (Oxum)”.

A partir disso, todos apontaram o consumismo como principal violência à cultura religiosa aonde tudo vem sendo imposto pela lógica do mercado. Clamaram pela volta da essência de um tempo passado que não poluía a natureza. Apontaram o orixá como a maior força da natureza e que tudo se encarrega de transformar. A quinta pergunta abordou o processo de aceleração sobre todas as coisas no universo que tem adoecido as pessoas quer por ansiedade ou depressão, manifestando diversos sintomas e que quando as pessoas chegam até eles, muitas vezes já passaram pelo médico e todas as demais religiões. Como sempre, Xangô corta com sua machada de dois lados:

Quando chegam ao terreiro e em muitos casos, somente um copo d’água energizado os reconecta com a sua essência, porque sente que ali pode ser o seu lugar de sua origem energética, cuja fonte reestabelece em toda a sua dimensão de ser e por isso falo sempre da importância da escuta e do diálogo pela linha do coração (Agodô).

Ao serem questionados sobre a importância de se comunicarem com outros povos, foram unânimes em afirmar a necessidade de troca, de respeito e de reconhecimento especialmente do povo negro oriundo de África enquanto raízes. A sexta pergunta apresentou dados referentes às violências sexuais, gênero e étnicas que tem sido alarmantes e buscou saber como a espiritualidade é compreendida diante das diversidades étnicas e sexuais presentes nos terreiros. E mais uma vez Oxum levantou seu espelho:

Vimos a sexualidade como uma energia que está à disposição de todos e pode ser tanto feminina como masculina, mesmo sabendo que as mantenedoras desta tradição são as mulheres e se a gente tivesse mantido essa matricidade, não precisaríamos estar fazendo essa discussão hoje. Exemplo, Xangô é masculino, oxum, feminino. Portanto, temos mulheres filhas de Xangô e homens filhos de Oxum. Assim, são as potências que estão ali que tem que ser faladas, junto com suas virtudes e não o meu sexo biológico, e não a minha orientação sexual, porque a questão é como você se relaciona amorosamente ou não tão amorosamente. A gente acaba querendo colocar características construídas socialmente na orixalidade, que são características do humano, da pessoa. Estes rótulos tem tudo a ver com a branquitude (Oxum).

---

<sup>10</sup> Mãe Maria de Oxum – Filha de Mãe Menininha do Cantóis do Candomblé, residia em Porto Alegre e por muitos anos morou na entrada da Vila Cruzeiro. Com a chegada de uma avenida que não conseguiram desviar, ela teve que ser realocada.

A pesquisa integrou as mais variadas formas de visão referente aos assuntos de diversidade e cada um falou a partir de sua práxis sobre essa questão em seus espaços religiosos. Sobre isso, Xapanã veio varrendo em busca do respeito:

Eu sou homossexual, casado há doze anos com uma pessoa do mesmo sexo e, acredito que o amor não tem forma. O orixá não nos vê como home ou mulher, ele nos vê como espíritos, seres viventes na terra que não somos diferentes dos animais. Numa casa de axé não pode haver preconceito, pois os orixás não têm sexo. Portanto, o quesito sexo é biológico e não espiritual (Xapanã).

Agodô sempre direto e enérgico como um raio, rompeu o céu,

Eu tenho filhos gueis, lésbicas, negros, brancos, indígenas, enfim acredito que chegando com respeito ta tudo certo. Pois somos todos integrantes de uma família religiosa e temos que ter cuidados para não ferir ou discriminarmos uns aos outros para que possam viver em harmonia seus orixás recebendo da forma mais intensa suas energias (Agodô).

A sétima pergunta reforçou que a Ecologia Cosmocena entende o humano como um ser completo, ou seja, um ser “biopsicossocioambiespiritual” que está em perfeito equilíbrio consigo e com a mãe natureza e, frente a nossa incompletude de humano, entendemos a necessidade da busca do equilíbrio de nosso ser que é transcendental e espiritual. Portanto, necessário para a nossa evolução. Oxum a partir de uma escuta num evento disse:

Estes dias ouvi Baba Diba dizer numa palestra: *a gente não é bipolar, tripolar... a gente é uma polaridade toda!* A ciência ocidental não dá conta Tomo como exemplo, meu caso, como cuidar de uma pessoa que tem a cabeça de Oxum, corpo de Xangô, pernas de Oxóssi e por aí vai... Imagine como seria nesta sociedade ocidental eu deitar num divã e meu psicanalista dar conta dessa corporeidade, espiritualidade e dimensões toda? Onde estão os psicólogos, psicanalistas negros. Então, onde é que a gente via estudar se a gente estuda com referenciais europeus, americanos? No terreiro, os meus referenciais são os meus ancestrais (Oxum).

A oitava pergunta afirmou que a Ecologia Cosmocena permeia um universo interno e externo e reconhece que cada ser vivo tem esses dois ambientes dentro de si e por aí vai. Diante de seus cotidianos os religiosos informaram que ao se depararem com uma doença física, psíquica ou espiritual em seus terreiros, buscaram caminhos para reequilibrar as pessoas, sendo o acolhimento fundamental para todos. Vejamos Xangô Alafim:

O terreiro é um espaço onde as pessoas nos procuram muito por questões de desequilíbrio de saúde, questões amorosas ou quando as coisas em suas vidas não estão bem. Sabemos que a doença física é para o médico, mas não deixamos de dar um suporte e acompanhamento porque o que afeta o espiritual, afeta o campo material. Pois acredito que cuidar do corpo é importante, cuidar do espírito é necessário, mas cuidar do corpo/espírito é imprescindível (Alafim).

Os diálogos e o respeito para com o tempo de cada um sobre o acolhimento e por onde devem começar, depende de cada um e de sua feitura. A nona pergunta deixou o religioso à vontade para falar sobre como a religiosidade de matriz africana entrou em seu odu (destino), ou seja, como ele recebeu o que denominamos de “chamado”, e cada um falou de seu espaço de acordo com a sua ligação com o seu orixá, por isso, inserimos aqui os cinco registros. Registramos o processo de iniciação de todos, devido a sua importância. Quem inicia soprando os ventos da vida é Iansã,

Meu apronte foi com 13 anos. Senti um chamado ancestral, porque o meu renascimento me mostrou o terreiro como lugar de vivência. Viver o jeito de ser negra para me religar com minha ancestralidade. Quando eu tinha cinco anos, fiquei emburrada numa festa e a Iansã perguntou por quê? Minha respondeu: - É porque ela não tem saia. E ela me disse: - *Na minha próxima festa a senhor vai ter uma saia e vai dançar para mim.* Trouxe a questão da saia porque tem tudo a ver com o movimento e Iansã está movimentando tudo sempre no mundo (Iansã).

Só que estive diante destes religiosos para saber um pouco do tamanho de suas dores e superações em nome desta religiosidade que diuturnamente tem os atacados em todas as suas formas e manifestações. Por isto, a Ecologia Cosmocena sugere que com a evolução da sociedade, possamos eliminar os preconceitos e as intolerâncias. Pois os grandes líderes religiosos compreendem que numa guerra de conflitos, ninguém ganha. Por isso, a necessidade de socialização dos achados da pesquisa acompanhado dos pressupostos de uma Pedagogia Cosmocena construída com os Povos de Terreiros. Assunto do próximo capítulo.

### **A Fecundidade do Diálogo Cosmoceno com a Cosmvisão Africana: Por uma Pedagogia Cosmocena dos Terreiros**

A partir das escutas nos cinco terreiros a pesquisa confirmou ser qualitativa de cunho participante, abrangendo o período de um ano - de junho de 2018 até junho de 2019. Nos espaços das entrevistas, percebemos grandes vinculações e o estreitamento entre a Ecologia

Cosmocena e a Cosmovisão Africana, confirmando que o maior objetivo desta religiosidade se encontra na **luta do reconhecimento pelo respeito e o sentido da religiosidade em suas vidas**. Por isso, nos dois campos analíticos de cosmovisão o estudo apresentou a real possibilidade de uma Pedagogia Cosmocena que pode ser desenvolvida diretamente com e para os Terreiros. Agora, apresentamos os achados da pesquisa do campo, que encontrados com os cinco religiosos representantes da matriz africana, e suas redes:

- O encontro da raiz do povo de Oyó no Brasil, que se deu a partir da chegada da Mãe Emília na cidade de Rio Grande;
- A carta que uma das entrevistadas escreveu a sua avó no momento de sua iniciação e hoje, ela é coordenadora deste Ilê;
- Um projeto de exposição de 13 ialorixás de diferentes linhagens, chamado “No Sagrado Feminino, o Terreiro Revelado”, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e a Prefeitura de Rio Grande;
- A Associação ARUTEMA reivindicou e ganhou um espaço na universidade para os diálogos da religiosidade de matriz africana, após perceber que estava acontecendo cultos evangélicos neste espaço público;
- O encontro de uma práxis da Pedagogia Cosmocena no projeto chamado “Crianças no Ilê, Áfricas no Erê”, que ocorre semanalmente num terreiro na periferia de Porto Alegre;

Estes achados nos encheram de esperança, pois nos terreiros foi que encontramos o que propõe o autor da Ecologia Cosmocena, ou seja, nós somos seres contidos de “biopsicossocioambiespiritualidades”. A partir destas e de outras escutas que realizamos nos cinco terreiros, elaboramos uma Pedagogia Cosmocena a partir da contribuição do que encontramos na religiosidade de matriz africana, direcionando-a especialmente para os Povos de Terreiros no estado do Rio Grande do Sul, a partir dos seguintes pressupostos:

- Em primeiro momento, tanto a Pedagogia Cosmocena como os ensinamentos presentes nos terreiros de matriz africana, são confluentes e apontam uma forma de bem viver o tempo, de maneira diferenciada. Lembramos mais uma vez que o tempo cronológico e o tempo de iniciação de um filho ou filha de santo não obedece estes parâmetros;

- O segundo pressuposto nos diz que a Ecologia Cosmocena e os povos de terreiros reconhecem o ambiente inteiro estabelecendo uma relação direta com a Mãe Natureza e com todas as demais forças.
- O terceiro pressuposto refere-se às credências. Pois tanto na Ecologia Cosmocena quanto na matriz africana, primam pelo respeito às outridades presentes. Daí decorre a aprendizagem de que os elementais fazem sentido para os praticantes desta religiosidade.
- No quarto pressuposto a Ecologia Cosmocena e os Povos de Terreiros consideram as questões de ancestralidade como fundamentais no reconhecimento dos povos primitivos. Ou seja, respeita aqueles que chegaram primeiro. Estes aspectos têm contribuído na desconstrução dos preconceitos, mitos e, principalmente na intolerância que insiste em permanecer em nossa sociedade.
- No quinto pressuposto a Ecologia Cosmocena e os povos de terreiros reconhecem o ambiente como uma totalidade frente à relação com a Mãe Natureza e com as demais forças. A partir desse olhar, temos uma potente contribuição no campo da Educação Ambiental no sentido de preservação do ambiente e também da espécie e conforme vimos de nossos religiosos, sem folha não há orixá, não há água, alimento. Sendo assim, não há mais nada que dê sentido à vida, pois na religiosidade de matriz africana, tudo é o orixá.
- No sexto pressuposto a Ecologia Cosmocena e a tradição africana chamam a atenção para a humildade que os educadores precisam ter em relação às outras culturas, estando disponíveis para transmitirem seus ensinamentos e levando em conta as diversidades, sejam elas de gênero, sexualidade, étnica e outras.
- No sétimo pressuposto, a Ecologia Cosmocena e os povos de terreiros sugerem uma Pedagogia diferenciada tendo como ponto de partida as questões da tradição e da cultura africana.
- E por último, o encontro da práxis da Pedagogia Cosmocena no Projeto “Crianças no Ilê, Áfricas no Erê”, como comprovação de que a Ecologia Cosmocena se faz presente na Educação Ambiental e pode ser aplicada em todas as áreas do conhecimento, eis que este projeto parte de uma construção coletiva realizada semanalmente com crianças da periferia de Porto Alegre.

Chegamos ao final deste artigo com exemplos de que é possível desconstituirmos rótulos, tabus e preconceitos em todas as áreas e em todos os espaços sociais. Para isso, basta que coletivamente queiramos fazer o que fez o responsável pelo Projeto com as crianças:

Eles vêm aqui para adquirirem um conhecimento maior da cultura africana e da identidade negra, porque percebemos o quanto estas crianças são negras e não se reconhecem, ou seja, elas se percebem como tal. Então, trabalhamos este processo de maneira muito forte de melhor convivência e respeito pelo outro, e que sozinho nestas vidas, não chegaremos a lugar algum. Assim, eles trazem as experiências deles e a gente trabalha com muito respeito os assuntos, porque o nosso objetivo é fazer uma comunhão, ou seja, apresentar valores sem destruímos o que eles têm, muito pelo contrário, refiná-los, melhorá-los e qualificá-los (Ialorixá Adriana de Xangô).

Como percebemos até aqui, a pesquisa apontou a urgência da construção de uma Pedagogia Cosmocena construída com os religiosos dirigida para os Povos de Terreiros, pois os entrevistados são contidos de arcabouços teóricos com saberes oriundos de suas tradições e de muita ancestralidade. Este foi um dos motivos pelos quais reconhecemos os terreiros religiosos como produtor da mais pura essência científica de seus afazeres e de inserções sociais. Os orixás nos amparam sempre nesta pesquisa e a partir de nossas aproximações com o campo, temos a certeza de que este estudo no meio acadêmico e nos espaços religiosos abriu significativos diálogos referentes à obra *Ecologia Cosmocena*, ou seja, a ciência anda de mãos dadas com as questões religiosas. Assunto esse que também fecha com o olhar do físico Marcelo Gleiser<sup>11</sup> ao afirmar que: “*A religião é exatamente o que existe além da material e, com isso, a ciência jamais poderá competir*” (Gleiser).

Assinam esta pesquisa, todos os religiosos irmanados que imprimiram suas vozes nos ajudando a levá-las aos lugares mais difíceis de seus acessos, especialmente na academia, pois diante de suas fortalezas de fé, nos sentimos como os desbravadores ao Sul do Brasil com a responsabilidade de registrar na universidade pública – FURG – junto com o orientador e os religiosos - uma pesquisa de Pós-Doutorado que tem os pés na academia e ao mesmo tempo nos terreiros. Contudo, temos a certeza de que este trabalho foi guiado pelos que chegaram antes de nós, e também pelos que de longe vieram para nos orientar cosmocenamente com a

---

<sup>11</sup> Marcelo Gleiser- RJ, 19/03/1959 – é um físico, astrônomo, professor, escritor e roteirista brasileiro, atualmente pesquisador da Faculdade de Dartmouth, nos Estados Unidos. Conhecido nos Estados Unidos por suas aulas e pesquisas científicas, no Brasil é mais popular por suas colunas de divulgação científica no jornal Folha de São Paulo.

certeza de que as nossas andarilhagens pelos terreiros do Sul foram acompanhadas pelos guias de cada um e por todos os nossos orixás. Axé!

### **Referências**

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Brasil, Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FOLLMANN, J. I. Memória e Afro-Referências: notas para uma reflexão sobre religiões de matriz africana e caminhos da ecologia integral. In: PINHEIRO, A. A. (et. al.) (org.). (2016). **Memórias reversas e a educação das relações étnico-raciais**. Brasil, São Leopoldo: Casa Leiria, 2016

MENDES, Aldivo. Exposição: **“No Sagrado Feminino, o Terreiro Revelado”**. Cedida por: Centro Municipal de Cultura Inah Emil Martensen, 2018.

PEREIRA, Vilmar Alves. **Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos**. 1ª Ed. Brasil, Juiz de Fora, 2016.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Reeducação das relações étnico-raciais e a branquidade. P. 94 – 103. In: PINHEIRO, A. A. **O espelho quebrado da branquidade: aspectos de um debate intelectual, acadêmico e militante**. São Leopoldo, Casa Leiria, 2014. V.1. (Coleção

SANTOS, Boaventura Sousa. Universidade Popular dos Movimentos Sociais. **Palestra proferida na Casa de cultura Mário Quintana, durante o Fórum social Mundial**. Porto alegre, 2012.

SILVEIRA, Paulo Roberto da SILVEIRA, Marta Iris Camargo da TIER, Cenir Gonçalves. As relações étnico-raciais e a implantação da Lei 10.639: reflexões necessárias e alguns apontamentos metodológicos. p. 187 – 217. In. : SILVEIRA, M. I. C. BIACHI, Paula. (Org.). **Núcleo interdisciplinar de educação: articulações de contextos & saberes nos (per) cursos de licenciatura da Unipampa**. Brasília: CAPES 2014.

Recebido: 10/07/2019

Aprovado: 08/10/2019

Publicado: 31/12/2019